

Práticas Compartilhadas:

*Planos de Aula do Programa
Residência Pedagógica
da Universidade de Sorocaba*

*Tânia Cristina dos Santos Boy
(org.)*



PRÁTICAS COMPARTILHADAS:

Planos de aula do Programa Residência Pedagógica da Universidade de Sorocaba

Tânia Cristina dos Santos Boy
(org.)

PRÁTICAS COMPARTILHADAS:

Planos de aula do Programa Residência Pedagógica da Universidade de
Sorocaba

Eduniso
Sorocaba/SP
2025

©2025 Tânia Cristina dos Santos Boy (org.). Prática compartilhadas: planos de aula do Programa Residência Pedagógica da Universidade de Sorocaba.

As imagens e os textos apresentados nesta edição são de total e exclusiva responsabilidade dos autores, que mantêm os respectivos direitos autorais, mas atribuem à Editora da Universidade de Sorocaba (Eduniso) o direito de primeira publicação.

Os autores são responsáveis por quaisquer violações de direitos autorais (ou outros direitos) de terceiros.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es).



4.0 Internacional

Créditos

Capa: Gabriel Dias de Barros

Normalização: Vilma Franzoni

Produção editorial e diagramação: Silmara Pereira da Silva Martins

Revisão gramatical: os autores

Ficha Catalográfica

Boy, Tânia Cristina dos Santos
B784p Práticas compartilhadas : planos de aula do programa Residência Pedagógica da Universidade de Sorocaba / organização Tânia Cristina dos Santos Boy. – Sorocaba, SP : Eduniso, 2025.
73 p. ; il.

Publicação digital (e-book) no formato PDF

e-ISBN: 978-65-89550-30-3

DOI: <https://doi.org/10.22482/eduniso.67>

1. Programa Residência Pedagógica – Universidade de Sorocaba, SP. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação profissional. I. Título.

Elaborado por Vilma Franzoni – CRB-8/4485

Tânia Cristina dos Santos Boy
(org.)

PRÁTICAS COMPARTILHADAS:

Planos de aula do Programa Residência Pedagógica da Universidade de
Sorocaba

Reitor: Rogério Augusto Profeta

Pró-Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis (Prograd): Fernando de Sá Del Fiol

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação (Propein): José Martins de Oliveira Jr.

Direção Editorial: Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Editoras Assistentes: Silmara Pereira da Silva Martins; Vilma Franzoni

Conselho Editorial

Adilson Rocha
Daniel Bertoli Gonçalves
José Ferreira Neto
José Martins de Oliveira Junior
José Renato Polli
Marcos Vinicius Chaud
Maria Ogécia Drigo
Rafael Ângelo Bunhi Pinto
Vidal Dias da Mota Junior

Editora da Universidade de Sorocaba (Eduniso)

Biblioteca "Aluísio de Almeida"
Rodovia Raposo Tavares KM 92,5
18023-000 – Jardim Novo Eldorado
Sorocaba | SP | Brasil
Fone: 15 – 21017018
E-mail: eduniso@uniso.br
Site: <https://editora.uniso.br>

Agradecimentos

O nosso desejo quando iniciamos este projeto era compartilhar práticas exitosas na execução do Programa Residência Pedagógica com todas e todos os interessados no trabalho prático do professor, mas para a realização desta proposta foram necessárias muitas mãos que trabalharam coletivamente para o seu cumprimento. Portanto, são muitos os agradecimentos àqueles que participaram direta ou indiretamente para a sua concretização.

Registramos um agradecimento especial aos Professores da Uniso que orientaram os residentes na execução de cada ação do programa com profissionalismo, amor e dedicação, Albertina Sarmento, Elizete Aparecida de Souza Gomes, Maria Angélica Lauretti Carneiro e Walter Swensson Júnior, estendendo ainda a todas e todos os residentes participantes do edital 20022-20024.

Também assinalamos agradecimentos calorosos ao trabalho de orientação no acompanhamento dos residentes nas escolas-campo, os nossos preceptores e preceptoras: Marcelo Henrique Fiusa, Celso Theodorico Gomes, Francine Palma, Daniela Gomes de Oliveira, Catarina Ariane Teixeira, Gabriel Luiz Camargo, Erica Karine Amorim Norbutas, Vanessa Figueiredo e Zulmira Freitas de Paula.

Desdobramos ainda, agradecimentos à direção e equipes das escolas-campo por todo apoio: Escolas Municipais Mateus Maylasky, Getúlio Vargas, Quinzinho de Barros e Genny Kallil Milego e das Escolas Estaduais Profa. Maria Helena G. Bonadio e Profa. Genezia Izabel Cardoso Mencacci.

Gostaríamos também de manifestar a nossa gratidão pelo apoio da Universidade de Sorocaba que disponibilizou toda a sua estrutura para a execução do programa, em nome da reitoria: Augusto Rogério Profeta, José Martins de Oliveira Jr. e Fernando de Sá Del Fiol.

Não podemos deixar de destacar ainda o trabalho incansável da dedicada Roseli Carvalho que cuidou de cada detalhe burocrático no andamento do programa pelo qual agradecemos.

E por fim, a responsável por esta publicação, a bibliotecária Vilma Franzoni, por sua inestimável orientação e cuidado, o nosso muito obrigada!

O cumprimento de todas as etapas do programa exigiu um esforço conjunto de todos os envolvidos para obter-se o sucesso ao final.

Não podemos deixar de destacar ainda o trabalho incansável da dedicada Roseli Carvalho que cuidou de cada detalhe burocrático no andamento do programa pelo qual agradecemos.

E por fim, a responsável por esta publicação, a bibliotecária Vilma Franzoni, por sua inestimável orientação e cuidado, o nosso muito obrigada!

O cumprimento de todas as etapas do programa exigiu um esforço conjunto de todos os envolvidos para obter-se o sucesso ao final.

APRESENTAÇÃO

Este livro é parte integrante do cumprimento da contrapartida do Projeto Institucional da Universidade de Sorocaba – UNISO no edital 2022-2024 do Programa Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, fundação mantida pelo Ministério da Educação – MEC.

Iniciado em setembro de 2022 e encerrado em fevereiro de 2024, o Programa Residência Pedagógica funcionou na UNISO tendo em seu Projeto Institucional, três subprojetos, sendo eles: Arte, História/Letras e Pedagogia. Ainda teve, respectivamente, como docentes orientadores os professores: Elizete Aparecida de Souza Gomes, Walter Swensson Júnior, Maria Angélica Carneiro e Albertina Sarnento.

Na presente publicação nos propusemos a compartilhar com estudiosos e pesquisadores da área da licenciatura, reflexões e experiências da importante colaboração do Programa Residência Pedagógica na formação dos residentes. Desta feita, a obra contém dois artigos das professoras Tania Cristina dos Santos Boy e Daniela A. Vendramini Zanella, além dos Planos de Aula que tiveram grande êxito no cumprimento do período de Regência em que os residentes do programa executaram suas propostas nas escolas-campo. Foram os Docentes Orientadores de cada subprojeto que selecionaram os Planos de Aula, aqui compartilhados, trazendo temas bastante variados, evidenciando a riqueza das experiências vividas na execução dos módulos do programa.

Esperamos com esta publicação colaborar com as pesquisas no campo da formação de professores, revelar a importância da experiência da sala de aula bem orientada e executada com supervisão cuidadosa, além de reconhecer o valor do trabalho do professor em nosso país.

Tânia Cristina dos Santos Boy

SUMÁRIO

1 O PLANO DE AULA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.....	9
Tânia Cristina dos Santos Boy	9
2 ALGUMAS REFLEXÕES FREIREANAS SOBRE O PROJETO RP INTERDISCIPLINAR DE LETRAS (UNISO)	18
Daniela Ap. Vendramini-Zanella.....	18
3 PLANOS DE AULA DE ARTE	25
3.1 PROCESSOS DE CRIAÇÕES CORPORAIS E VISUAIS PELO EQUILÍBRIO	25
Nicolle de Oliveira Buzatto, Elizete Aparecida de Souza Gomes.....	25
3.2 A EXPERIÊNCIA DOCENTE NA INTERDISCIPLINARIDADE NAS ARTES DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	30
Vinicius Dias Rojo, Elizete Aparecida de Souza Gomes.....	30
4 PLANOS DE AULA DE HISTÓRIA.....	35
4.1 A arte de ensinar, suas ferramentas e técnicas: a contribuição do programa residência pedagógica na formação docente	35
Amanda Silva Rodrigues, Walter Swensson Júnior	35
4.2 Diálogos entre história e patrimônio cultural: contribuições da residência pedagógica para a formação docente	40
Larissa Girardi Losada, Walter Swensson Júnior.....	40
5 PLANO DE AULA DE LETRAS	46
5.1 Da teoria à prática: a residência pedagógica como instrumento de aprendizagem.....	46
Francine de Oliveira Palma, Maria Angélica L. Carneiro.....	46
6 PLANOS DE AULA DE PEDAGOGIA.....	56
6.1 Podcast, do Youtube para a sala de aula	56
Marcos Antônio Martinez Junior, Albertina Paes Sarmiento.....	56
6.2 Stop Motion – Projeto Arca de Noé.....	63
Maria Paula Silva Simões, Albertina Paes Sarmiento.....	63

1 O PLANO DE AULA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Tânia Cristina dos Santos Boy

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (Paulo Freire, 1998, p. 52).

INTRODUÇÃO

A pensador Paulo Freire nos inspira a pensar sobre a formação de futuros professores e para isso, é preciso ponderar sobre o processo de ensino-aprendizagem em que serão formados os licenciados nos cursos de licenciatura na universidade. É necessário considerar as múltiplas dimensões existentes no processo, como as dimensões ontológica, epistemológica, política, ética e pedagógica. Nesta breve reflexão nos propomos a compreender a contribuição do Plano de Aula na formação do residente do Programa Residência Pedagógica. Partimos da compreensão de que planejar a aula é muito mais do que desempenhar solicitações feitas por coordenadores ou diretores, ou ainda, preencher formulários com suas demandas burocráticas.

O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

O Programa de Residência Pedagógica que é coordenado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação ligada ao Ministério da Educação (MEC), tem por finalidade fomentar projetos institucionais implementados por Instituições de Ensino Superior (IES), contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura.

A Universidade de Sorocaba (UNISO) participou de outras edições do Programa Residência Pedagógica (PRP), com projetos institucionais e no edital 2022 – 2024 propôs a execução do programa em três módulos contendo várias etapas em cada um, sendo: a) preparação do aluno para participação no programa; b) ambientação do residente na escola-campo e preparação do plano de atividade; c) imersão na escola-campo contendo horas de regência de classe; d) escrita de relatório final; e) avaliação e socialização.

O PROGRAMA RP E O PLANO DE AULA

O projeto institucional da UNISO seguiu a orientação do Programa RP no qual havia a necessidade da execução de um plano de atividades, deste modo a UNISO propôs que na execução de cada módulo o residente vivenciaria o exercício da criação, escrita e aplicação de Planos de Aula, sendo este compreendido como a proposta do plano de atividade previsto pela CAPES, que promoveria um percurso de reflexão e prática do futuro professor. O Plano de Aula aqui concebido como um instrumento de trabalho do professor, onde o docente especifica o que será realizado dentro da sala, buscando com isso aprimorar a sua prática pedagógica bem como melhorar o aprendizado dos estudantes.

A pesquisadora Heloisa Paes de Barros Arruda (2015, p. 242) destaca que a prática pedagógica do docente é composta por três momentos distintos: planejamento, mediação e avaliação. Arruda ainda afirma que nesses três momentos há a influência de um sobre o outro, pois estão imbricados, intrinsecamente vinculados e sempre presentes. Eles têm entre si uma relação de dependência, para qualidade e coerência de todo o processo da prática pedagógica, que é cíclico. Para Arruda (2015) durante o trabalho docente, há situações de evidência e predominância de um momento sobre o outro. Segundo Arruda (2015, p. 247):

[...] o docente, ao planejar as suas aulas, constantemente organiza e sistematiza situações de aprendizagem e a sua própria mediação durante a aula, bem como toma decisões e repensa frequentemente sobre o processo de aprendizagem dos alunos.

Analizando com Arruda (2015) compreendemos que há um movimento do docente ao criar o Plano de Aula de fazer e refazer, modificar e manter o que funcionou. O planejamento é a proposição inicial, mas há o replanejamento, a modificação e adaptação segundo as necessidades impostas pela realidade da sala de aula.

Em sua pesquisa Arruda (2015, p. 247) ressalta as influências do trabalho por competências de Philippe Perrenoud no Brasil. Arruda elenca as dez competências propostas pelo sociólogo necessárias ao trabalho docente: a) organizar e dirigir situações de aprendizagem; b) administrar a progressão das aprendizagens; c) conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; d) envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; e) trabalhar em equipe; f) participar da administração da escola; g) informar e envolver os pais; h) utilizar novas tecnologias; i) enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão; e j) administrar sua própria formação continuada.

Manuel Cipriano Oliveira (2011), um pesquisador do tema, define em seu trabalho que o Plano de Aula é instrumento didático-pedagógico necessário à execução da atividade docente no cotidiano escolar. Para Oliveira (2011, p. 122)

O plano de aula consiste na especificação e na operacionalização do trabalho docente cotidiano. Ele traduz a ação concreta, efetuada em sala de aula na materialização do conteúdo disciplinar no curso do processo do ensino e da aprendizagem na construção do saber. Uma ação que se compreende de modo mais adequado a partir dos elementos que o constituem.

Outra referência importante é a professora Marlene Grillo que em seus estudos na Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) afirma que “um Plano de Aula tem sempre origem num Projeto Pedagógico Institucional que dinamiza as direções do ensino, detalhadas num plano de curso e de unidade”. Grillo ainda esclarece que o Plano de Aula:

[...] é uma previsão de atividades vinculadas a um plano de ensino mais amplo desenvolvidas em etapas sequenciais, em consonância com objetivos e conteúdos previstos. Serve para organizar a intenção do professor e o modo de operacionalizá-la. Expressa ainda, as opções desse professor diante de seu contexto de trabalho, que implica pensar simultaneamente o conteúdo e os sujeitos com os quais interage (Brasil, 2008).

A professora Marlene Grillo (Brasil, 2008) ressalta também que o Plano de aula possibilita ao professor, na medida do possível e do desejável, manter a articulação do componente curricular como um todo do Plano de Ensino.

Ao criar um Plano de Aula deve-se levar em consideração as informações relevantes que esse instrumento deve conter, Oliveira (2011) propõe que o plano de aula apresente os seguintes elementos: a) identificação; b) objetivo ou objetivos operacionais; c) conteúdo; d) procedimentos metodológicos de abordagem; e) recursos que serão utilizados; f) atividades docentes e discentes; g) a avaliação; h) o cronograma; i) as referências básica e complementar.

A criação do Plano de Aula exige planejamento do professor no exercício da regência em sala de aula, ou seja, é necessário se conhecer as necessidades do que se precisa ensinar e da realidade em que se vai trabalhar. Ressaltamos que a importância do planejamento foi recomendada pelo educador Paulo Freire que afirmou:

Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem que responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança. [...] para ser autêntico, é necessário ao processo educativo que se ponha em relação de organicidade com a contextura da sociedade a que se aplica (Freire, 2001, p. 10).

Os residentes do Programa Residência Pedagógica experimentam no cotidiano escolar a importância de se planejar e executar o Plano de Aula, assim como vivenciam as dificuldades que a realidade da sala de aula impõe ao professor na sua aplicação. Essas vivências são fundamentais para a formação do futuro professor que participa do programa RP.

Nesta breve reflexão sobre a contribuição da vivência de criação e execução de Planos de Aula no Programa RP para os residentes e futuros professores em formação nos valeremos dos estudos do filósofo francês Michael Foucault sobre o exercício da escrita e a Constituição de Si que serão relacionados a criação e escrita dos Planos de Aula. Lembrando que em cada módulo executado no RP o residente, orientado pelo

Preceptor na escola-campo, planejou, escreveu e executou um Plano de Aula, vivenciando a prática docente.

HYPOMNÊMATA E PLANO DE AULA

No texto intitulado "A escrita de si" escrito na década de 80 do século XX, o pensador Michael Foucault (2004, p. 144) faz uma série de estudos sobre "as artes de si mesmo", ou seja, sobre a estética da existência e o domínio de si e dos outros na cultura greco-romana, nos dois primeiros séculos do império onde trata da governamentalidade.

Para Foucault (2004) nenhuma técnica ou habilidade profissional poderia ser adquirida sem exercício, ele afirma que não se poderia mais aprender a arte de viver, a *technê tou biou*, sem uma *askêsis* que deveria ser compreendida como um treino de si mesmo. Posteriormente, esses princípios tradicionais foram ressaltados pelos pitagóricos, socráticos e cínicos. Foucault acredita que durante muito tempo a escrita – o fato de escrever para si e para outro – tenha desempenhado um papel considerável.

No mundo grego, segundo Foucault (2004), Epícteto defendia que a escrita estava associada ao exercício de pensamento de duas maneiras diferentes. Uma linear, pois ia da meditação a atividade escrita e desta ao adestramento na situação real. A outra forma é a circular, pois a meditação precede as notas, mas essas mesmas notas permitem uma releitura e revigoram a própria meditação. Nas duas formas, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação.

E ainda para Plutarco, como afirma Foucault (2004), o uso da escrita no treinamento de si tem a função *etopoiética*, que é a afirmação de que a escrita de si e sobre si mesmo serve como uma forma de transportar a verdade em *éthos*. Essa escrita de si acontece através dos *hypomnêmatas* e das correspondências. Destarte, relacionaremos a compreensão dos *hypomnêmatas* à escrita dos Planos Aula.

O estudo de Foucault (2004) ressalta que os *hypomnêmatas* podiam ser livros de contabilidade, registros públicos, ou mesmo, cadernetas individuais que serviam de

lembrete. Nesta reflexão, compreendemos o Plano de Aula que serve de guia para o trabalho que exerce o professor na sua prática didático-pedagógica, como um *hypomnêmata*. O Plano de Aula estabelece um percurso pelo qual deve seguir o professor na sua trajetória de execução no cotidiano escolar. Por conseguinte, relacionamos a contribuição do Plano de Aula na formação do professor assim como os gregos compreendiam a contribuição dos *hypomnêmatas* na Constituição de Si.

Os *hypomnêmatas* constituíam uma memória acumulada e podiam ser usados para releitura e meditação posteriores. Assim, os *hypomnêmata* se destinavam a promover exercícios frequentes de leitura, releitura, meditação e conversa consigo mesmo e com os outros tão logo fosse necessário na ação. Nessa mesma direção, o Plano de Aula é parte integrante do exercício do trabalho docente que exige a criação do Plano de Aula antes de iniciar a prática da regência em sala de aula. Depois de iniciado o trabalho com os estudantes, há a constante retomada do Plano de Aula para verificação do cumprimento daquilo que estava planejado e correção da trajetória da sala de aula quando necessário. Leitura, releitura e correção são as ações que o Plano de Aula promove no profissional que se guia por esse instrumento que colabora para a execução dos objetivos estabelecidos no sistema educacional.

Para Foucault (2004) os *hypomnêmatas* buscam captar o já dito, reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com a finalidade de Constituição de Si. Eles devem ainda, estar inseridos em um contexto de tensão. O Plano de Aula traz uma seleção de escolhas bibliográficas feitas pelo professor, aquilo que ele leu, releu e selecionou para a sua regência. O Plano de Aula também traz em si uma tensão ao professor, pois esse instrumento registra a proposta de uma trajetória e exige o seu cumprimento nas etapas previstas. Para na execução do Plano de Aula proposto, o professor precisa ter dedicação e esforço, pois haverá tensão entre o que foi proposto e a realidade da sala de aula. Dessa forma, o instrumento Plano de Aula promoverá no profissional intensas reflexões sobre sua prática e isso terá ação sobre si mesmo como profissional.

No mundo grego, como mostram os estudos de Foucault (2004) a redação dos *hypomnêmatas* podia efetivamente contribuir para a formação de si através desse *logoi*

dispersos é principalmente por três razões principais, primeira: efeitos da limitação devidos à junção da escrita e da leitura; segunda: a prática regrada que determinava as escolhas; e a terceira: a apropriação que ela efetuava, pois na cultura de si, o cuidado era entendido como um trabalho sobre si mesmo.

Encontramos as três razões estudadas por Foucault no uso do Plano de Aula pelo professor, primeiro: há a obrigatoriedade de escrita do Plano de Aula estabelecendo limites do que será feito em sala de aula; segundo: há a exigência do cumprimento do que está previsto no Plano de Aula; e terceiro: há a reflexão feita sobre a própria prática quando se volta ao Plano de Aula para analisar o seu cumprimento.

Segundo Marlene Grillo (Brasil, 2011) ao aplicar um Plano de Aula, o professor pode: “[...] realizar uma auto-avaliação da aula ou da avaliação cooperativa para orientar decisões futuras. Aspectos a serem mantidos ou a reformular poderão ser identificados com mais segurança”.

Assim, o professor analisa a sua prática aplicada e faz ajustes para as próximas ações, como destaca Grillo (Brasil, 2011), nem sempre é possível cumprir rigidamente aquilo que foi planejado, pois a realidade se impõe no cotidiano escolar:

[...] o cenário da aula exige permanente atitude reflexiva do professor para recriar e redirecionar ações sempre que novos interesses e necessidade imprevistas surgirem, o que não significa despreparo docente, mas competência para ‘agir na urgência e decidir na incerteza’, como ensina Perrenoud. Entretanto, um afastamento contínuo do Plano necessita ser revisado.

Apesar de ajustes, quando necessário, o Plano de Aula é a bússola que conduz ao destino proposto no início da jornada na construção do conhecimento, pois como Grillo (Brasil, 2011) ressaltou o Plano de Aula permite ao professor distanciar-se de sua prática, sistematizá-la e tornar consistentes as opções para a organização da aula, Grillo ainda completa que “o plano documenta a experiência em suas intenções iniciais e permite o retorno a ele após o vivido para sua avaliação”.

Por conseguinte, compreendemos o Plano de Aula concernente aos *hypomnêmatas* que promovem uma importante contribuição na Constituição de Si de

cada residente na sua qualificação profissional no Programa Residência Pedagógica como futuros professores que planejarão suas atividades, criando maneiras para que seus objetivos sejam alcançados pelos seus estudantes.

Dessa forma, lembramos de Paulo Freire (1992, p. 24), quando nos aconselha que:

O educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de conhecer, assistindo à imersão dos significados em cujo processo se vai tornando também significador crítico. Mais do que ser educando por causa de uma razão qualquer, o educando precisa tornar-se educando assumindo-se como sujeito cognoscente e não como incidência do discurso do educador. Nisto é que reside, em última análise, a grande importância política do ato de ensinar. Entre outros ângulos, este é um que distingue uma educadora ou educador progressista de seu colega reacionário.

Os residentes do Programa RP puderam vivenciar as práticas do trabalho docente conhecendo os objetos de cotidianos do professor, deram significado as práticas, se assumiram como professores em sala de aula e foram imersos na complexidade do exercício docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os residentes do Programa Residência Pedagógica da Universidade de Sorocaba vivenciaram a criação, escrita e aplicação de Planos de Aula na escola-campo supervisionados pelo preceptor nos três módulos propostos no edital 2022-2024 e puderam ter uma importante colaboração em seu processo de ensino-aprendizagem como futuros professores. A experiência vivida no programa adicionou a prática da regência em sala de aula o que favoreceu o aperfeiçoamento da formação inicial dos professores da educação básica nos cursos de licenciatura na Universidade.

Na execução do projeto institucional, os residentes puderam compreender a contribuição do Programa Residência Pedagógica no exercício do trabalho docente, conheceram as alegrias e dificuldades que o trabalho diário em sala de aula produz no

professor. Essas vivências promoveram reflexões importantes para a Constituição de Si do futuro professor atuando no cotidiano escolar.

As vivências com os Planos de Aula proporcionadas pelo Programa RP permitiram reflexões que possibilitaram a compreensão dos movimentos internos experimentados por cada residente na função *etopoiética promovida pela própria escrita sobre a prática transformando-se na verdade e no ethos através dos hypomnêmatas* que viabilizaram a Constituição de Si como professor.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, H. P. B. Planejamento e plano de aula na educação: histórico e a prática de dois professores. **Revista de Educação Educativa**, Goiânia, v. 18, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/4269/245>. Acesso em: 22 abr. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Professor deve usar plano de aula como guia, permanecendo atento aos imprevistos**. 2008. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=130>. Acesso em: 22 abr. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, 2001.

FOUCAULT, M. **Ditos & escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

OLIVEIRA, M. C. **Plano de aula**: ferramenta pedagógica da prática docente. Pergaminhos. Patos de Minas: UNIPAM, 2011.

2 ALGUMAS REFLEXÕES FREIREANAS SOBRE O PROJETO RP INTERDISCIPLINAR DE LETRAS (UNISO)

Daniela Ap. Vendramini-Zanella

Práticas Compartilhadas: Planos de Aula do Programa Residência Pedagógica (PRP) da Universidade de Sorocaba (UNISO). Percorre a trajetória do PRP - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - realizada na UNISO. Nos diferentes relatos/capítulos desta coletânea, os alunos de licenciatura têm a oportunidade de vivenciar a prática docente em contexto escolar, estagiando em escolas da rede pública acompanhados de professor-preceptor e orientados por um professor-coordenador de subárea.

Esta reflexão centraliza as vivências do subprojeto interdisciplinar de Letras e História, em específico nas experiências do curso de Letras. Este texto relaciona algumas dessas vivências com ideias e conceitos de Paulo Freire, exemplificadas a partir de excertos extraídos dos relatórios da bolsista Mariana Aparecida Padilha¹, embasado no aporte freireano para compreender a função do PRP (RP doravante) na formação docente.

Nesse processo, torna-se pertinente que o futuro professor analise, de maneira crítica, e aprenda sobre o seu papel social em promover mudanças significativas no mundo para transformar a realidade e possibilitar a construção do que Freire (2014) denomina como "inédito-viável". Isso implica em se engajar em um processo reflexivo acerca de como esses professores em formação, por meio do pensamento crítico e ações coletivas, podem ser agentes de transformação na realidade que os cerca. Freire enfatiza a importância dessa abordagem como meio de transcender os limites do conhecido, ao abrir caminho para a criação e realização de possibilidades até então não concretizadas, no viés colaborativo.

¹ Agradecemos a Mariana Aparecida Padilha pelo gentil compartilhamento de seus relatórios.

O desafio em criar possibilidades diante de situações-limites (Freire, 2014) na escola é um exercício constante. Seja um evento pontual na comunidade, que gere problemas locais, ou um contexto mais amplo, o professor deve se atentar às adversidades para lidar na busca de alternativas sócio historicamente situadas. Nessa direção, alguns temas polêmicos precisam ser trabalhados em sala de aula, de forma engajada e em processo reflexivo, que evidencie modos de ser, pensar, agir e viver (Liberali; Fuga; Vendramini-Zanella, 2023). A título de exemplo de assuntos polêmicos, Padilha (2023) descreve sua experiência no RP:

No mês seguinte, em abril, ocorreram aulas com temas diversos. Os alunos frequentaram a biblioteca para as aulas de leitura, realizaram as provas bimestrais e participaram do projeto “Paz nas Escolas” devido aos acontecimentos trágicos de violência nos ambientes escolares de todo o Brasil. Ainda neste mês, o qual era voltado ao planejamento de aula, desenvolvi sequências didáticas sobre os conteúdos de Gêneros Textuais e Variações Linguísticas (Excerto 1, Relatório do março, 2023).

O excerto mostra o engajamento e a preocupação da escola em trabalhar uma temática ligada à situação-problema: *acontecimentos trágicos de violência nos ambientes escolares de todo o Brasil*, o que possibilitou Padilha acompanhar uma atividade direcionada. Longe de encontrar uma solução, o projeto promove, de alguma maneira, o desenvolvimento do pensamento crítico sobre diferentes formas de ir além dos limites conhecidos, buscando alternativas para a criação e realização colaborativa de possibilidades não alcançadas.

Freire (1986) destaca a educação libertadora, que transforma sujeitos em agentes de mudança por meio do desenvolvimento da consciência crítica. Esse processo, chamado de conscientização, é materializado pela *práxis*, ou seja, pela ação-reflexão, fundamental para cultivar o pensamento crítico. Essa questão alinha-se aos objetivos do Programa RP, no que concerne a “fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática” de futuros professores (Brasil, 2017). Nos relatórios de Padilha (Quadro 1), pode-se acompanhar seus planos de aula:

Quadro 1 - Relatório do mês de abril de 2023

Residente: Mariana Aparecida Padilha

PLANO DE AULA

Sequência didática: 3 aulas – 50 minutos

Componente curricular: Língua Portuguesa

Ano/Turma: 8º ano – Ensino Fundamental – Anos Finais

Objeto de conhecimento: Variações Linguísticas.

Habilidade: EF69LP55: Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

Objetivos:

- Identificar variedades linguísticas e reconhecer suas características;
- Conhecer os conceitos e refletir sobre o preconceito linguístico;
- Refutar preconceitos e desenvolver a prática consciente da língua;
- Reconhecer a legitimidade da variação linguística e suas adequações aos contextos diversos.

Estratégias:

Norma-padrão e a variedade linguística (aula 1) – Inicialmente será apresentada a proposta da aula e iniciará a contextualização da temática apresentando diversas falas contendo variedades linguísticas e sua composição. No desenvolvimento, será apresentado os conceitos de norma-padrão, os tipos de variedades linguísticas e iniciar as reflexões acerca do preconceito linguístico. Por fim, seria apresentada a frase de Marcos Bagno (Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua”), os alunos iriam discutir o seu significado em grupo e a aula finalizaria com uma conversa dos conceitos aprendidos e a reflexão.

Variedade linguística e contexto (aula 2) – Inicialmente será apresentada a proposta da aula e iniciará a contextualização da temática apresentando frases com diferentes vocabulários, interlocutores e contexto, solicitando que eles tentem descobrir quando elas são utilizadas. Seria utilizado um texto com vocabulários diversos para que eles identificassem o contexto e tipo de variações. Por fim, seria proposta uma atividade para que eles imaginassem que estão doentes e precisarão cancelar alguns compromissos: sorvete com os amigos, apresentação do trabalho de Português, jantar com um familiar. Para cada situação, eles deverão escrever um bilhete justificando a sua ausência, salientando como iriam verbalizar em cada contexto.

Combatendo o preconceito linguístico (aula 3) – Inicialmente será apresentada a proposta da aula e iniciará a contextualização da temática apresentando o vídeo da música “Zaluzejo”, da banda “O Teatro Mágico”, ressaltando que ela aborda o tema do preconceito linguístico e pedir que eles identifiquem os vários exemplos de variações linguísticas. Em seguida, seria solicitado que eles respondem no caderno as duas perguntas: “Por que eu preciso estudar a norma-padrão?” e “Por que devemos respeitar quem não utiliza a norma-padrão?”. Por fim, seria solicitado que eles montassem um mapa mental em folha sulfite contendo todos os subtemas abordados sobre a variação linguística.

Fonte: Padilha (2023).

No quadro 1, é possível observar a composição do gênero escolar 'plano de aula', cuja organização pressupõe pensar a *práxis*. Nessa direção, vemos que Padilha referencia o autor Marcos Bagno (1999) e transita pelas habilidades da Base Nacional Comum Curricular, BNCC (Brasil, 2017): EF69LP55: Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. Também, indica os conceitos a serem trabalhados: Norma-padrão e a variedade linguística, Variedade linguística e contexto, Preconceito linguístico.

Além desses elementos contextuais, nota-se a utilização da tipologia textual descritiva na sistematização dos conteúdos dispostos em aulas e nas etapas dos procedimentos, conforme abaixo:

(aula 1) – Inicialmente será apresentada a proposta da aula e iniciará a contextualização da temática apresentando diversas falas contendo variedades linguísticas e sua composição. No desenvolvimento, será apresentado os conceitos de norma-padrão, os tipos de variedades linguísticas e iniciar as reflexões acerca do preconceito linguístico. Por fim, seria apresentada a frase de Marcos Bagno (Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua”), os alunos iriam discutir o seu significado em grupo e a aula finalizaria com uma conversa dos conceitos aprendidos e a reflexão (Padilha, 2023, Excerto 2).

Essa organização textual é resultado de um processo reflexivo da futura professora, a partir de leituras teóricas confrontadas e pensadas para serem aplicadas em um determinado contexto escolar, por exemplo, alunos, série, turma, professor-preceptor entre outras situacionalidades.

Outro destaque nos relatórios é a menção ao material de apoio e às tarefas solicitadas nas atividades de ensino. Ao trabalhar 'Combatendo o preconceito linguístico (aula 3)', por exemplo, Padilha utilizou o vídeo da música "Zaluzejo", da banda "O Teatro Mágico" para contextualizar o tema 'preconceito linguístico' e 'variações linguísticas'. Ao final, solicitou a elaboração de 'um mapa mental' sobre o assunto estudado. Nesse enfoque, pode-se, também, observar a utilização do recurso visual para o trabalho com o gênero charge. Essas escolhas tornam clara, ainda que de forma incipiente, a criatividade no planejamento da futura professora.

Figura 1 - Relatório do mês de maio de 2023



Fonte: Padilha (2023).

Na linha do pensamento freireano, a criatividade interliga-se à curiosidade epistemológica, uma vez que o exercício “da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado” (Freire, 2001, p. 98). Portanto, no subprojeto Letras e História, RP da Uniso, há o compromisso teórico de desenvolver, no pensar freireano, uma atitude curiosa e indagativa que possibilite a tomada de decisão sobre o que fazer nas situações de ensino.

No relatório do mês de julho, quando os alunos estão em férias, a tarefa de Padilha centrou-se na leitura do livro “O que revela o espaço escolar? Um livro para diretores de escola, da Comunidade Educativa CEDAC” quando elaborou suas impressões sobre a leitura:

O livro “O que revela o espaço escolar? Um livro para diretores de escola” apresenta a perspectiva de gestão escolar em um aspecto amplo, considerando além de apenas os setores pedagógicos. Percebe-se um olhar voltado a todos os espaços, desde a sala de aula até aos banheiros, corredores e refeitórios. Entender o espaço escolar possibilita aos responsáveis da gestão, compreender a dinâmica dos alunos e colaboradores de forma a encontrar a melhor maneira para organizar este ambiente. Uma vez que você conhece e vive o espaço de estudo, torna-se possível enxergar suas potencialidades e realizar investimentos, mesmo que de baixo custo, para que as suas funcionalidades sejam aprimoradas. Cabe aos gestores traduzir os valores, atitudes e mensagens que o espaço escolar revela e eles, por sua vez, também devem manter um olhar constante para a sua manutenção e cuidado. Além disso, expandir essas transformações para além do ambiente de ensino e

aprendizagem, mas também para a comunidade que o cerca. Gerir uma instituição educacional é considerar os pilares pedagógicos, políticos, culturais, históricos e sociais. Ademais, é considerar de forma profunda e desenvolver um tratamento humanizado para aqueles estão imersos neste contexto (Padilha, 2023, Excerto 3).

O excerto 3 revela o exercício reflexivo da futura professora diante uma leitura ligada à formação docente de modo a compreender o espaço escolar e analisar criticamente questões de gestão escolar. Envolve, ainda, pensar a escola como espaço sócio-histórico-cultural e político de educação.

Freire (2011) defende que a educação transcende a simples transmissão de conhecimento, apresentando-a como um ato político e libertador, promotor de uma consciência crítica capaz de transformar a sociedade. Para Freire, o processo educativo é, essencialmente, um processo de humanização, reconhecendo nossa condição de seres em constante formação. Esse pedagogo argumenta que a educação se realiza na coletividade, por meio da interação mútua entre educadores e educandos, usando o contexto do mundo vivenciado como principal mediador dessa aprendizagem. Conforme Freire (2011, p. 58), "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto se propôs a refletir sobre as experiências do curso de Letras no subprojeto interdisciplinar - Letras e História -, para compreender o papel do Programa RP na formação docente. Por meio de excertos dos relatórios de Padilha, relacionou e exemplificou algumas vivências com ideias freireanas.

Esta reflexão revisitou alguns conceitos freireanos, sublinhou a importância do "inédito-viável" como forma de transcender e ampliar os limites do conhecido, para encontrar formas e alternativas de lidar com uma situação-limite. Ademais, destacou a educação libertadora como ato de transformação, mencionou sobre o processo de desenvolvimento da consciência crítica/conscientização e *práxis*/ ação-reflexão. Por último, indicou a relação entre a criatividade e a curiosidade epistemológica.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 38, de 30 de janeiro de 2017**. Institui o Programa de Residência Pedagógica. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica> Acesso em: jan. 2024.
- FREIRE, A. M. A. Notas explicativas. *In*: FREIRE, P. (org.). **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 273.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 2001.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- LIBERALI, F.; FUGA, V. P.; VENDRAMINI-ZANELLA, D. O desenvolvimento engajado e o teatro-brincar na constituição da coletividade. **Pró-Posições**, Campinas, v. 34, p. 1-31, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0077>. Acesso em: jan. 2024.

3 PLANOS DE AULA DE ARTE

3.1 PROCESSOS DE CRIAÇÕES CORPORAIS E VISUAIS PELO EQUILÍBRIO

Nicolle de Oliveira Buzatto
Elizete Aparecida de Souza Gomes

INTRODUÇÃO

A aplicação das aulas ocorreu com alunos do 9º A do Ensino Fundamental, na escola Estadual Maria Helena Gazzí Bonadio, com o intuito de fornecer possibilidades de aprendizado sobre o equilíbrio, tanto na dança quanto no desenho. Inicialmente, os estudantes foram instruídos a realizarem um estudo de observação em Artes Visuais, focando na formação inicial de esboços e fundamentados em conceitos do desenho por Donis A. Dondis. Fora de sala de aula, os estudantes experimentaram a dinamicidade do equilíbrio com desafios na arte marcial do Taekwondo, em práticas de Dança e no uso de exercícios similares aos do Teatro.

Os estudantes, divididos em grupos, experimentaram o equilíbrio físico no próprio corpo e no entendimento crítico-racional, criativo, pelo desenho. Experimentaram a dança e a observação visual do movimento pela apreciação de grupos profissionais, como o Jungle, e como forma de registro transpondo em pontos, linhas e formas básicas. O pensamento crítico foi estimulado em rodas de conversa entre as atividades práticas pensando a experiência individual e coletiva, sentimental e/ou assimilação teórica.

PRÁTICA DO PLANO DE AULA

O conteúdo programado foi projetado para o acontecer no decorrer de quatro aulas do componente curricular Arte, com o tempo de 40 minutos cada aula, sob a supervisão do professor preceptor Gabriel Luiz Camargo na Escola Estadual Maria Helena Gazzí Bonadio. Segue o plano de aula:

PROGRAMA ENSINO INTEGRAL			
PLANO DE AULA – PEI – EE Professora Maria Helena Gazzi Bonadio			
Professor preceptor: Gabriel Luiz Camargo Bolsista: Nicolle Buzatto	Componente Curricular: ARTE	Turma: 9º – A, B, C Quantidade de aulas: 4	Data/período: 2º bimestre
Título: processos de criações corporais e visuais através do equilíbrio		Unidade Temática: Dança	
Competências Gerais 1. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer a abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. 2. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sempre conceitos de qualquer natureza. 3. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.			
Objeto de Conhecimento: Corpo e a expressividade individual e coletiva; contextos e práticas; elementos da linguagem; processos de criação.			
Habilidades: (EF69AR10) - Explorar elementos constitutivos do movimento cotidiano e do movimento dançado, abordando, criticamente, o desenvolvimento das formas da dança em sua história tradicional e contemporânea. (EF69AR11) - Experimentar e analisar os fatores de movimento (tempo, peso, fluência e espaço) como elementos que, combinados, geram as ações corporais e o movimento dançado. (EF69AR12) - Investigar e experimentar procedimentos de improvisação e criação do movimento como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.			
Objetivos Específicos: Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes			

Procedimentos: aula expositiva e práticas de jogos teatrais e dinâmicas de movimento
Recursos: mapa do corpo humano e cadernos de desenho.
Avaliação: Avaliação contínua, acompanhamento e verificação da participação e aprendizagem das habilidades desenvolvidas. Análise da fruição das produções artísticas em círculo de conversa.
Bibliografia: BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília, 2018. DONDIS, D. A. A sintaxe da linguagem visual . São Paulo: Martins Fontes, 1991. MILLER, J. Escuta do corpo : sistematização da Técnica Klauss Vianna. São Paulo: Summus, 2007. NEGRÃO, C. Taekwondo fundamental . São Paulo: Editora Prata, 2012. SPOLIN, V. Jogos teatrais : o fichário de Viola Spolin. Tradução Ingrid Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Na primeira aula o foco se voltou para a contextualização sobre os registros de formas humanas por meio do desenho e também sobre como é possível indicar movimentos, espacialidade e tridimensionalidade quando desenhamos e registramos a forma da movimentação humana (Dondis, 1991). Nesta primeira aula o registro visual foi a partir a observação das principais formas corporais apreciadas no videoclipe “*Candle Flame*”. A primeira aula se encerrou com uma dinâmica corporal com os estudantes se deslocando da sala de aula para a quadra da escola e lá uma roda se formou e cada estudante criou uma forma com o próprio corpo, individualmente, em representação ao seu nome e todos a repetiam.

Na segunda aula foi vivenciada a prática de corpo com foco no equilíbrio corporal por meio das Artes Marciais do *Taekondo* (Negrão, 2012). A arte marcial foi um complemento da parte física da dança, na tentativa de estabelecer diálogo com uma segunda matéria do currículo dos alunos. Assim, testaram a consciência corporal com chutes de dificuldades variáveis, compostos de giros ou não, bases da atividade física no domínio do equilíbrio, essencial para esse esporte. Quanto à dança, a criatividade e autonomia foram estimuladas ao revisitar a memória em busca de

movimentações pessoais, diferentes entre si, além do estímulo do próprio equilíbrio ao realizarem gestos e poses complexas. A teoria centrou-se nos fatores de movimento de Rudolf von Laban no conceito de eixo global, discorrido por Jussara Miller.

Na terceira aula iniciamos com uma breve contextualização sobre a anatomia humana e as principais estruturas responsáveis por manter o equilíbrio corporal, sendo vinculadas com os vetores da Técnica Klaus Vianna e unidas em um único termo criado por Jussara Miller, o “Eixo Global” e aplicamos uma prática de experimentação corporal em duplas experimentando a teoria.

A quarta e última aula deste bloco de aprendizagem, aonde os estudantes já estavam conscientes sobre os vetores corporais e sua relação com o equilíbrio corporal, eles realizaram uma experimentação em duplas, junto com a o jogo teatral do espelho (ficha A15). Em um momento um membro da dupla estava guiando o movimento e o outro sendo guiado, e após um determinado tempo os papéis se invertiam. Logo após esta primeira parte do jogo instruímos a inclusão da utilização dos Planos e Fatores do Movimento propostos por Rudolf von Laban a fim de ampliar o nível de dificuldade da dinâmica do jogo do espelho e ampliar o repertório corporal.

Após esta etapa de experimentação, a turma foi dividida em dois grupos. Enquanto um grupo seguia com a dinâmica corporal do jogo do espelho, o outro grupo registrava as formas corporais observadas durante a apreciação da prática. Depois os papéis se inverteram para que o outro grupo fizesse o seu registro. A base do desenho centrou-se em entender a noção do equilíbrio visual, apontando direções de movimento e sugestões de intencionalidade em poucos traços, já que a técnica não era o foco, mas sim a desenvoltura dos alunos e a compreensão geral dos corpos apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns alunos observaram ter dificuldades em realizar as movimentações no primeiro momento, após assistirem ao vídeo, apresentaram um pouco de apatia, sem se esforçar o suficiente para experimentar criações corporais. Mas foi verificada uma

interação maior dos alunos nos ambientes externos à sala de aula, no caso, a quadra do ginásio. Também demonstraram maior motivação e atenção na produção dos desenhos quando se dividiram em grupos, alternando com os colegas para observar e traduzir no papel as movimentações e posar como referência. Além disso, a observação presencial dos corpos no ato de desenhar desenvolveu-se melhor com as figuras ao vivo após práticas corporais da dança, envolvendo o equilíbrio. Todos os fatores aliados, incluindo a teoria inicial, corroboram em mais vivacidade no fazer artístico. Propor atividades envolvendo espaços abertos pode ser uma ótima solução para incentivar a autonomia dos alunos durante a criação e pesquisa de consciência corporal, além de manter o nível de curiosidade dos discentes com experiências novas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DONDIS, D. A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MILLER, J. **Escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna**. São Paulo: Summus, 2007.

NEGRÃO, C. **Taekwondo fundamental**. São Paulo: Editora Prata, 2012.

SPOLIN, V. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. Tradução Ingrid Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

3.2 A EXPERIÊNCIA DOCENTE NA INTERDISCIPLINARIDADE NAS ARTES DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Vinicius Dias Rojo
Elizete Aparecida de Souza Gomes

A PRÁTICA A PARTIR DA TEORIA E DA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE

Durante o processo de formação acadêmica tivemos a oportunidade de desenvolver vários estudos teóricos dentro do Programa de Residência Pedagógica com leituras dos textos, livros e a elaboração dos planos de aula desenvolvidos no acompanhamento do programa. Dentre os textos estudados nos períodos de Formação, um foi marcante para mim, de Maurice Tardif (p. 270-273), “O trabalho docente”, que aborda a respeito da empatia do professor com o aluno e que ele, o docente, não pode separar os “SERes” que habitam dentro da pessoa, que seria o: Profissional e o Pessoal.

O texto expõe a postura docente, aponta que precisamos ser os dois porque o trabalho do professor reflete aquilo que ele é no pessoal e que a relação de professor e aluno melhora. Quando o Aluno estiver passando por determinadas situações em que não consegue expressar o que está sentindo, recorre ao professor ou o próprio percebe e reconhece o que está acontecendo, porque ele já passou por essa situação, por também já ter estado naquela situação. E por isso, dentre tantas outras formas/testemunhos, que o profissional age com o seu lado pessoal no trabalho docente, que sempre andarão junto ao longo dos anos em que lecionará.

Assim foi também na prática de sala de aula, em umas das atividades realizada no Programa “Residência Pedagógica” como residente, pude trabalhar em um dos bimestres uma área que não é a específica de minha formação, que é o teatro, o conteúdo do bimestre era Dança, então unimos as duas áreas da Arte. Como eu estava estudando sobre os jogos teatrais de Viola Spolin, decidi usar esse conteúdo que eu tinha acabado de aprender, com as crianças do 7º ano do ensino fundamental, juntamente com conteúdo de Dança Educativa de Rudolf von Laban, já estudado em

outro semestre na universidade. Desta forma, optei por utilizar práticas que já conheço como prática artística, decidi colocar a minha experiência como equilíbrio entre o meu conhecimento pessoal, de aluno universitário, com a de docente em exercício o programa Residência Pedagógica.

Ao começar a elaboração e desenvolvimento do plano de aula pensei em quais os jogos poderiam ser aplicados com eles que se uniriam bem com a Dança e também por ser a primeira vez que uma parte da sala experimentaria o teatro dentro da escola. A preocupação minha e da minha parceira de trabalho era propor uma abordagem abrangente, focada no estímulo sensorial para potencializar os fatores fundamentais do movimento de Rudolf von Laban, que são: Peso, Tempo, Espaço e Fluência.

A decisão de integrar os Jogos Musicais de Cecília Cavalieri e os Jogos Teatrais de Viola Spolin surgiu após cuidadosa consideração, visando estabelecer conexões significativas entre essas práticas e a dança no contexto escolar. Nossa intenção foi alinhar essas atividades com a visão do teórico Rudolf Von Laban, mantendo sempre a perspectiva da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa (contextualização, apreciação e fazer).

Como parte do processo, realizei uma série de experimentos na universidade, colaborando com alguns colegas para avaliar se seriam uma boa escolha dos jogos e como estava a minha aplicação.

Ao longo da segunda semana, demos início à prática de nosso plano de aula, começando com o Jogo Musical. Nesta atividade envolvente, os participantes utilizam sacolas plásticas para reproduzir os sons característicos de um trem. Uma simples variação na intensidade, seja ao puxar a sacola com mais força, suavidade, rapidez ou lentidão, assume o papel crucial de simular o movimento do trem, permitindo que os participantes experimentem a sensação de conduzir o veículo até a estação.

Esse método visa não apenas promover a compreensão prática dos elementos do movimento de Laban, mas também proporcionar uma experiência imersiva que estimule a criatividade e a expressão individual. À medida que avançamos com nossa abordagem, continuamos refinando e expandindo nossas atividades, sempre

mantendo o compromisso de enriquecer o processo de aprendizagem por meio da interdisciplinaridade e da aplicação prática de teorias consagradas. Segue o detalhamento do plano de aula desenvolvido por nós:

PLANO DE AULA			
Escola: E.E. Professora Maria Helena Gazzi Bonadio Data: 17/05			
Professor (a): Daiane Fernandes e Vinicius Rojo	Comp. Curricular: ARTE	Série/Turma: 7º. ano do Ensino fundamental – anos iniciais	Bimestre: 2º bimestre
Quantidade de aula semana (Qt. A): 2 aulas de 50 minutos Quantidade de aula para o conteúdo: 2 aulas			
Objeto do Conhecimento: Jogos teatrais, paisagem sonora e sonoplastia	Habilidades: (EF69AR29) Expe-rimentar a gestualidade e as construções corporais e vocais de maneira imaginativa na improvisação teatral e no jogo cênico.	Desenvolvimento: Serão realizadas duas aulas seguidas. Na primeira ocorrerá: - Chamada e deslocamento: 5 minutos - Explicação da proposta de prática e gravação do vídeo: 10 minutos	Recursos: Acesso ao pátio da escola. Sacolas plástica.
		- Jogos musicais: som do Trem com sacolas e um sorteio de palavras para a criação de uma paisagem sonora. 15 minutos. -Jogos Teatrais: ouvindo o ambiente e criando substância. 15 minutos. Na segunda aula ocorrerá:	

		- Chamada e deslocamento: 5 minutos. Formação dos grupos e preparação de uma cena curta e a criação da sonoplastia da mesma: 25 minutos. - Apresentação para a sala. 20 minutos	
Objetivos: 1. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da arte. 2. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.			
Avaliação: Será proposto como método avaliativo a participação e a apresentação das crianças nas atividades propostas. Participação: 10			
Metodologia: Sociointeracionista – com abordagem triangular Contextualização: Viola Spolin e Cecilia Cavalieri e seus jogos Apreciação: Assistindo uns aos outros Fazer: Jogos musicais de criação de som e paisagem sonora; seguido pela prática de jogos teatrais.			
Bibliografia: FRANÇA, Cecília Cavalieri; MARES GUIA, Rosa Lúcia. Jogos pedagógicos para educação musical . Belo Horizonte: Fino traço, 2015. SPOLIN Viola. Jogos teatrais : o fichário de Viola Spolin. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2012.			

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses meses de residência foi possível compreender um pouco da experiência em docência, que existe várias formas de aplicar um único conteúdo, de uma forma divertida e que os alunos possam compreender e aprendendo.

Ao participar do Programa "Residência Pedagógica" pude refletir sobre a atuação docente e como ingressar no mercado de trabalho, de como me portar na sala de aula, não só observando o trabalho do professor, mas também colocando em prática a teoria estudada.

Em síntese, este programa demonstrou que a integração de diferentes linguagens artísticas, aliada à abordagem pedagógica cuidadosamente planejada, pode enriquecer significativamente o processo educacional. A experiência vivenciada pelos bolsistas, bem como pelos alunos participantes, contribuiu para uma formação mais abrangente e dinâmica, destacando a importância do desenvolvimento integral do educando no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; MARES GUIA, Rosa Lúcia. **Jogos pedagógicos para educação musical**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2012.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

4 PLANOS DE AULA DE HISTÓRIA

4.1 A ARTE DE ENSINAR, SUAS FERRAMENTAS E TÉCNICAS: A CONTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Amanda Silva Rodrigues
Walter Swensson Júnior

INTRODUÇÃO

No ano de 2023, passamos a acompanhar as aulas destinadas aos alunos de 7º e 8º anos, no período da manhã, na mesma escola. Durante o dia a dia, percebemos que os estudantes possuíam pouca familiaridade com a história de sua própria cidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de História destacam a contribuição do estudo da memória e sua relação com a histórica local como um aspecto importante no processo de construção do conhecimento histórico dos alunos sobre a sua própria realidade e percepção como parte deste processo. Após algumas reuniões junto com o preceptor Celso, decidimos que no mês de março iríamos realizar uma sequência didática sobre a “História de Sorocaba”.

Escola: Getúlio Vargas
Ano: 7º e 8º ano do Ensino Fundamental – anos finais
Ano: 2023
Objetivo Relacionar a cidade e as transformações resultantes do processo histórico com o cotidiano dos alunos.
Justificativa É fundamental para compreender de forma crítica o processo histórico a percepção que são os homens e mulheres que fizeram e fazem a história nas suas escolhas e práticas cotidianas. Estudar a cidade e perceber que as transformações foram resultadas de escolhas que podem ser mantidas ou alteradas com a mobilização social é fundamental para compreensão da dinâmica do processo histórico e para construção de uma sociedade menos desigual e mais justa.

Metodologia

O planejamento de aula foi distribuído da seguinte forma:

- 1ª aula – Contextualização sobre a história de fundação de Sorocaba e a importância da feira de muares para o desenvolvimento da cidade;
- 2ª aula - Industrialização e as principais fábricas de Sorocaba
- 3ª aula – Atividade: Pesquisa sobre os principais monumentos históricos da cidade.

Nesta sequência didática focamos em contar a história de Sorocaba a partir da perspectiva dos monumentos espalhados pela cidade. Como estratégia apresentamos algumas imagens atuais das construções e pedimos para que os alunos descrevessem sobre a função dos atuais dos prédios, a localização, se frequentavam os locais e entre outras informações. Em seguida, apresentamos fotos antigas, a história da construção e sua relevância para a sociedade da época.

Figuras 1 - Regência sobre a História de Sorocaba.



Fonte: Amanda Silva Rodrigues (2022).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em muitos momentos da minha vida ouvi pessoas dizendo que as crianças são como folhas em branco, no qual os adultos, por meio da educação, preenchem os

espaços vazios. O Programa Residência Pedagógica me fez chegar à uma conclusão contrária, “a criança não é um vaso que devemos encher, mas uma fonte, a qual nós devemos deixar fluir”. Eles, neste caso, os alunos possuem interesses próprios e habilidades únicas que podem ser potencializadas dentro de um ambiente acolhedor e respeitoso, com profissionais que busquem ser atentos a esses detalhes. A sala de aula com todas as suas limitações continua sendo um ambiente de possibilidades [e de realizações] (Hooks, 2013).

Possibilitar aos alunos que conheçam a cultura e a história que os precedeu desenvolve nos mesmos a curiosidade que transformar a realidade. Por meio da análise historiográfica e documental buscou-se, continuamente, construir nas jovens mentes o senso crítico, transformando-as em questionadoras da realidade circundante e aptos para mudá-la com o passar do tempo e suas próprias ações que ficarão gravadas na historiografia. A partir destas aulas, conseguimos mostrar aos estudantes que os “documentos [neste caso, as construções de uma cidade] são fundamentais como fontes de informações a serem interpretadas, analisadas e comparadas. Nesse sentido, eles não contam, simplesmente, como aconteceu a vida no passado” (Brasil, 1997), e, portanto, é necessário pesquisá-los e questioná-los para compreender os motivos de algumas construções serem mais valorizadas do que outras, além de buscar identificar quais histórias eles contam, quem cria as narrativas, para que desta forma os alunos consigam entender de forma crítica o seu real valor para a compreensão da história local. Essa regência e atividade prática de pesquisa foram extremamente importantes para que os estudantes olhassem para a cidade e para eles (como parte dela) com outros olhos.

RESULTADOS

Durante a sequência didática sobre a “História de Sorocaba”, percebemos a importância do gerenciamento de tempo em sala de aula e a necessidade de realizar recortes temáticos para não tornar a aula extremamente densa e complexa para a faixa etária de cada série. Além disso, enfrentamos o desafio de abordar um mesmo tema

com turmas de perfis totalmente diferentes. Conforme fomos entrando em cada sala, percebemos que a nossa postura e explicação sofriam alterações. Cada sala demonstrou interesse por um segmento específico sobre a história da cidade, modificando os níveis de aprofundamento sobre cada etapa da aula. A atividade prática de pesquisa foi surpreendente, recebemos trabalhos muito bem feitos e criativos. Após receber o material de todos os estudantes, realizamos uma roda de debate para discutir sobre as informações/histórias coletadas por cada um. No final do debate, eles conseguiram relacionar que a construção das identidades pessoais e sociais da cidade de Sorocaba estavam diretamente relacionadas a preservação da memória por meio dos patrimônios materiais e imateriais que estabeleciam vínculos com as gerações anteriores e que por este motivo deveriam ser mais valorizadas e preservadas.

Figura 3 - Pesquisas realizadas pelos alunos sobre as construções espalhadas pela cidade



Fonte: Amanda Silva Rodrigues (2022).

Figura 4 - Pesquisas realizadas pelos alunos sobre as construções espalhados pela cidade.



Fonte: Amanda Silva Rodrigues (2022).

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Fundamental 1º e 2º Ciclos – História. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DEFELIPPE, Elisa. Uso de linhas do tempo no ensino de história: reflexões sobre espaço biográfico, tempo vivido e periodização com jovens em privação de liberdade. In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS ENSINO DE HISTÓRIA, 11., 2020, Ponta Grossa. **Anais** [...]. Ponta Grossa: ABEH, 2020. Disponível em: https://www.perspectivas2020.abeh.org.br/resources/anais/19/epenh2020/1606699267_ARQUIVO_77454094050957d74e0d154f18053e5a.pdf. Acesso em: 26 jul. 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LEMOV, D. **A aula nota 10**. São Paulo: Safra, 2010.

4.2 DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: CONTRIBUIÇÕES DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Larissa Girardi Losada
Walter Swensson Júnior

INTRODUÇÃO

O relato em tela trata da construção coletiva de sequências didáticas e regências, as quais são entremeadas pelas experiências e óticas de residentes e professores envolvidos. No caso desta autora, uma trabalhadora e pesquisadora da área de patrimônio cultural, mais voltada aos museus, as propostas de regências perpassaram por esta realidade.

Para isso, entende-se que o universo do patrimônio cultural tem ganhado matizes inéditas nas últimas décadas, a partir de novas propostas e reivindicações que, cada vez mais, têm como pauta a sua função social. Para tanto, entende os grupos sociais diferentes como agentes na escolha, valorização e preservação das heranças culturais. Considerando, fundamentalmente, o caráter democrático e multivocal do patrimônio.

As instituições de ensino, nesse âmbito, podem servir como pontes entre estudantes e os bens culturais – especialmente quando pensamos na escala local, por exemplo, em edificações ou objetos que fazem parte do cotidiano dos estudantes, embora não sejam ainda percebidos ou reconhecidos, por eles, como parte de sua herança cultural.

As reflexões sobre tais formas de aproximação, levaram à idealização de sequências didáticas voltadas ao reconhecimento e à valorização do patrimônio cultural local, especialmente tratando dos bens ferroviários (associados à memória do trabalho) e arqueológicos. A escolha desses recortes temáticos partiu do próprio

contexto das Escolas² Municipais “Getúlio Vargas” e “Matheus Maylasky” e, entre a pluralidade de bens passíveis de serem trabalhados, pode ser assim justificada:

- a) Patrimônio ferroviário: localização geográfica e histórico da E.M. “Matheus Maylasky”, que se encontra no perímetro de tombamento do CONDEPHAAT³ do Complexo Ferroviário de Sorocaba, do qual fazem parte oficinas, locomotivas e museu. Trata-se de uma escola concebida para propiciar estudos aos familiares de ferroviários e, não por acaso, carrega o nome do fundador da Estrada de Ferro Sorocabana, “Luiz Matheus Maylasky”;
- b) Patrimônio arqueológico: Sorocaba possui diversos sítios arqueológicos, embora essa informação seja majoritariamente desconhecida pela população. Como os conteúdos da apostila utilizada pela E.M. “Getúlio Vargas” tratavam de temas relacionados aos povos indígenas e ao processo de colonização/invasão, também sobre os pensadores Iluministas, optou-se por dar ênfase aos bens arqueológicos e a cultura material indígena – como uma forma de sensibilização e compreensão da existência indígena ancestral no território e de suas influências nas obras de pensadores Iluministas.

Em ambos os casos, as regências consideraram os bens culturais que poderiam ser acessados pelos estudantes, por exemplo, aqueles expostos em museus públicos próximos das escolas ou suas réplicas didáticas. Assim, destaca-se a importância dos museus e de seus diálogos extramuros, para a “educação da memória” (Bruno, 2020, p. 164).

² Cita-se duas escolas pois a autora atuou em duas escolas, em uma como bolsista e em outra como voluntária.

³ Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste relato, optou-se por apresentar duas experiências relacionadas aos recortes temáticos escolhidos e mencionados na introdução: Patrimônio ferroviário e Patrimônio arqueológico. Assim temos:

Experiência 1: Memória ferroviária e a E.M. Matheus Maylasky

Esta experiência teve início com um projeto proposto pelos alunos do curso de História, residentes na E.M. "Matheus Maylasky", visando trabalhar em sala de aula assuntos relativos à memória ferroviária e do trabalho. Os residentes se dividiram em grupos, cada qual responsável por uma das três turmas dos 6º anos e com abordagens distintas e em diálogo, a saber: História da construção da Estrada de Ferro Sorocabana; A Estrada de Ferro Sorocabana atualmente; os impactos da construção da Estrada de Ferro Sorocabana na cidade. O grupo que a autora pertencia ficou responsável pela primeira abordagem.

A partir dessa definição, as regências foram preparadas e sua estrutura se baseou em: a). Introdução; b). Série de questionamentos sobre os espaços ferroviários próximos à escola (Figura 1); c). Exercícios utilizando recursos pedagógicos, como caça-palavras e quiz temático.

O principal objetivo foi sensibilizar os alunos com o patrimônio ferroviário, de forma ampla, principalmente a partir da percepção de que ele é parte de seu cotidiano e foi construído por trabalhadores da ferrovia.

Ao longo das aulas, consideramos que tal objetivo foi atingido, principalmente a partir da participação dos alunos que muitas vezes se mostraram surpresos ao saber do contexto em que estavam inseridos. Um aspecto positivo a ser ressaltado foi o valor afetivo que os estudantes manifestaram pela escola e seu entorno, demonstrando interesse em saber mais sobre sua história e relevância para a cidade.

Figura 1 - Slides utilizados durante a regência com alunos da E. M. "Matheus Maylasky"



Fonte: Losada (2022).

As atividades realizadas na E.M. "Matheus Maylasky" propiciaram verificarmos, na prática, como o espaço escolar ultrapassa a estrutura da sala de aula (Barbosa, 2013). Sendo, além de um espaço de educação formal, um território de memória ferroviária – que pode ser reconhecida e valorizada pelas novas gerações.

Experiência 2: Vivenciando o Patrimônio Arqueológico

Essa experiência teve início com um projeto proposto pelos alunos do curso de História, residentes na E.M. "Getúlio Vargas", visando trabalhar em sala de aula assuntos relativos à ocupação indígena ancestral do atual território brasileiro, por meio dos vestígios de sua cultura material, dando ênfase, novamente, ao contexto de Sorocaba.

Os residentes formaram um grupo responsável pelas turmas dos 7º e 8º anos, cada qual possuindo uma abordagem distinta, embora em diálogo, a saber: Povos indígenas e Arqueologia (sétimo ano) e Influência da colonização/ invasão para o pensamento Iluminista (oitavo ano). Em ambos os casos, um kit didático para

Arqueologia, previamente concebido por um grupo de pesquisadores do qual a autora faz parte, foi utilizado como forma de sensibilização dos alunos.

A partir dessa definição, as regências foram preparadas e sua estrutura se baseou em: a) . Introdução; b). Manuseio do kit didático pelos estudantes (Figura 2) e c) Exercícios distintos para cada uma das turmas. O principal objetivo foi mostrar aos alunos a presença ancestral indígena no território. Especialmente evidenciando-os como produtores de relevante cultura material e influenciadores de pensamentos que mesmo vistos como europeus, possuem forte inspiração no “novo mundo” que era colonizado/ invadido. Ao longo das aulas, consideramos que atingimos o objetivo e destacamos a importância do kit didático para os alunos, que reagiram bastante positivamente ao manuseio dos objetos, como réplicas de cerâmicas e líticos (pontas de projéteis, por exemplo).

Figura 2 - Manuseio do kit didático pelos alunos da E.M. "Getúlio Vargas"



Fonte: Losada (2022).

RESULTADOS

Considera-se que os resultados foram positivos, especialmente no âmbito da aproximação entre estudantes e os recortes patrimoniais propostos. Ressalta-se o retorno profícuo dos estudantes, nos levando a crer que as atividades da Residência Pedagógica construíram aprendizados que ultrapassaram, por exemplo, os conteúdos previstos nas apostilas e o espaço em sala de aula – proporcionando uma reflexão mais ampla acerca do território patrimonial no qual estavam inseridos, seja do ponto de vista arqueológico ou ferroviário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a RP foi fundamental para o aprimoramento da prática docente. A autora agradece imensamente à UNISO, a CAPES e as escolas envolvidas no processo, incluindo os docentes e o corpo técnico administrativo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. M. G. **O que revela o espaço escolar**: um livro para diretores de escola. São Paulo: Comunidade Educativa CEDAC; Moderna, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRUNO, M. C. O. **Museus e pedagogia museológica**: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. Introdução a Sociomuseologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), 2020.

5 PLANO DE AULA DE LETRAS

5.1 DA TEORIA À PRÁTICA: A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM

Francine de Oliveira Palma
Maria Angélica L. Carneiro

Iniciei no programa de residência pedagógica da Universidade de Sorocaba (UNISO) no ano de 2022 como professora preceptora na escola Matheus Maylasky, vi no programa uma oportunidade de experimentar uma troca de experiências com futuros professores. Pensar em minha prática pedagógica como um objeto de estudo e conhecimento levou-me a refletir acerca das metodologias usadas em minha sala de aula e de que forma eu poderia contribuir para a articulação do processo pedagógico que vai da teoria à prática, no dia a dia dos residentes dentro da escola.

Cada residente que eu recebi trouxe consigo suas experiências de vida e suas experiências pedagógicas, que contribuíram para que pudéssemos formar uma parceria em nosso cotidiano escolar. Maurice Tardif (2005, p. 60) “discorre saberes experienciais que para ele [...] brotam da experiência e são por ela validados”. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber fazer e saber-ser. E foi sob essa ótica que me empenhei para promover essa troca com os residentes. Ao receber os residentes propus um estudo sobre a realidade da comunidade escolar do Matheus Maylasky, que apresenta algumas peculiaridades, visto que é uma escola que chegou a ser militarizada e conta com uma comunidade com expectativas de ensino cívico-militar.

Paulo Freire (1990, p. 05) ressalta que uma virtude do educador e da educadora é “viver a tensão entre o aqui e agora dos educadores e o aqui e agora dos educandos” Como eu também era nova nessa escola, pudemos dessa forma, juntos, preparar um plano de ensino que se adequasse aos valores da comunidade e que estivesse em consonância com o Currículo Paulista, que é adotado pela rede municipal de ensino. A

formação docente não deve se restringir apenas à escola ou à universidade, uma vez que a relação entre teoria e prática é o que faz o trabalho do professor ser bem-sucedido.

A escola é um organismo vivo com valores socioculturais, religiosos, filosóficos e políticos específicos, o que exige que professor planeje suas aulas sempre pensando no conteúdo que será ensinado e, sobretudo, no aluno que vai receber essa informação. A flexibilização da prática pedagógica é inerente ao trabalho do professor. Para os residentes do programa, estar na escola é uma oportunidade de observar como acontece o processo de construção do ensinar, relacionando-o com os saberes aprendidos na universidade.

A parceria entre a universidade e a escola é fundamental para a formação de novos profissionais, que começam a ter uma nova visão da profissão e perceber que, para ensinar, é preciso muito mais do que apenas dominar o conteúdo que será trabalhado, portanto, a presença de jovens universitários dentro da sala de aula traz um novo olhar também para o professor preceptor. No meu caso, percebi a importância de estar mais inteirada dos assuntos que permeiam o universo adolescente; em vários momentos, os estagiários me inspiraram a tornar as aulas mais dinâmicas e com conteúdos mais atuais para os alunos.

Nas trocas diárias com os residentes, eles perceberam que turmas diferentes muitas vezes exigem estratégias diferentes, o que foi interessante para compreender que lecionar não se resume a reproduzir práticas pedagógicas, mas sim a se adaptar ao que o educando precisa. Em várias situações, os residentes se propuseram a auxiliar alunos que tinham dificuldade ou alunos PCD, uma vez que nem todos os alunos são assistidos por uma professora especialista, e os relatos após essas mediações sempre eram positivos por parte dos alunos e dos residentes, que criaram um vínculo que foi muito positivo para ambos. Sobre isso, Tardif (2005, p. 69) disserta:

Os saberes adquiridos durante a trajetória pré-profissional, isto é, quando da socialização primária e, sobretudo quando da socialização escolar, têm um peso importante na compreensão da natureza dos saberes, do saber-fazer e do saber-ser que serão mobilizados e utilizados em seguida quando da socialização profissional e no próprio exercício do magistério.

Acredito que as experiências que os residentes tiveram em sala de aula, tanto em suas observações quanto em seus momentos de regência, são um guia para a reflexão da prática pedagógica, possibilitando a construção de conceitos que futuramente podem ser importantes em sua profissão.

Essa reflexão acontece durante a própria observação, em diversos momentos pudemos conversar sobre as aulas e os residentes sempre relatavam que haviam percebido a diferença na forma como a mesma aula era apresentada para diferentes turmas, aos poucos eles se habituaram às turmas e já sabiam o que esperar e como podiam auxiliar no andamento das aulas. Em algumas situações, os residentes puderam participar das aulas de forma prática, na correção de atividades nos cadernos, oferecendo aos alunos as devolutivas e as ajudas nas refações das atividades.

Os próprios alunos se acostumaram com essa prática e por vezes solicitavam o auxílio dos estagiários durante as aulas, e eles sempre estiveram prontos a atendê-los. Espero que a experiência da residência pedagógica e das aulas de regência aplicadas pelos residentes tenha sido tão rica para eles como foi para mim, pude refletir sobre a minha prática pedagógica e sempre tive em mente tentar mostrar que o planejamento e o currículo não controlam a aprendizagem, e que esta deve ser um diálogo entre o sujeito e o meio em que vive.

Dentro do programa Residência Pedagógica, os residentes são convidados a executar aulas de regência. Dentre as regências aplicadas, algumas tiveram como objeto do conhecimento os textos verbais e não verbais. Compartilho agora um Plano de Aula de grande êxito na execução do programa com esse tema. Os textos não verbais são caracterizados por pluralidade de sentidos e são compostos por diferentes tipos de imagens. Em nossas aulas trabalhamos a charge, o cartum, a tirinha e os anúncios publicitários. Segue agora, o Plano de Aula executado pelos residentes:

PLANO DE AULA		
Escola: Matheus Maylasky Ano: 2023		
Professora: Francine de Oliveira Palma	Comp. Curricular: Português	Série/Turma: 8º. ano do Ensino fundamental
Habilidades (BNCC – EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. –, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.		
Objetivo do Conhecimento Efeitos de sentido - Textos verbais e não verbais.		
Objetivo Explorar as multissemioses em textos não verbais, as mídias em que se apresentam e sua função social.		
Justificativa A linguagem não verbal, assim como a linguagem mista, estão presentes em nosso cotidiano em diversas situações e aprender a reconhecê-las e interpretá-las favorece a leitura em diferentes mídias.		
Metodologia Preparação de slides explicativos pelos residentes sobre os diferentes gêneros textuais estudados, apresentação aos alunos, roda de conversa sobre os tipos de mídia em que encontramos esses textos, estudo de diferentes textos dos gêneros abordados e produção de textos mistos em grupo.		

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Textos verbais são aqueles que usam palavras escritas ou faladas e textos não verbais são aqueles que usam imagens, gestos, sons para construção de sentido. Ensinar os tipos de linguagem que fazem parte da nossa sociedade traz para o aluno a consciência de que a função principal da linguagem é a comunicação, e isso pode ser feito de diferentes formas.

O estudo da semiótica visa a uma compreensão dos signos linguísticos que permeiam nossa comunicação. Com o aumento da leitura em ambientes virtuais, deparamos com mídias que nos trazem um aumento de textos não verbais, muitas vezes em forma de meme que são compartilhados por nossos estudantes que, com isso, buscam comunicar-se de forma mais rápida.

Santaella (2019 *apud* Carr, 2008) cita experimentos que demonstram que os leitores de ideogramas desenvolvem circuitos mentais distintos daqueles desenvolvidos pelos leitores de textos alfabéticos. As variações se estendem por várias regiões do cérebro, incluindo aquelas que governam funções cognitivas como a memória e a interpretação de estímulos visuais e auditivos.

Sobre as diferentes modalidades de linguagem, Aguiar (2004, p. 10) defende que:

Conhecer a linguagem e suas modalidades leva-nos a um exercício enriquecedor do processo de comunicação. [...] conscientes do processo que vivemos, vamos conceber o mundo de forma mais ampla e profunda, transformando a experiência do dia a dia em sabedoria existencial para nosso enriquecimento pessoal e daqueles que conosco convivem.

Sob essa ótica, acreditamos que a habilidade de leitura de diferentes signos linguísticos, sejam eles verbais ou não verbais, tendem a colaborar no processo de interpretação textual.

RESULTADOS

Os alunos do 8º ano em grupos produziram memes e anúncios publicitários de produtos criados por eles e pudemos fazer uma exposição na escola com os trabalhos finalizados. A troca de experiências entre os residentes e os alunos foi de grande valor. Percebemos como nos relacionamos com os diferentes gêneros textuais em cada fase da nossa vida. Ao ver a reação dos estudantes, dos estagiários e depois de outros funcionários da escola frente aos trabalhos expostos, notamos como o texto não verbal e o texto misto podem ser interpretados com uma pluralidade de significados que é própria desse tipo de texto.

Fotografia 1 - Mariana Aparecida Padilha na aula sobre Charge



Fonte: Acervo próprio.

Fotografia 2 - Laura Cavalheiro Vieira Schonfelder na aula sobre Anúncio Publicitário



Fonte: Acervo próprio.

Fotografia 3 - Letícia Milena Brandi na aula sobre Tirinha



Fonte: Acervo próprio.

Fotografia 4 - Daniele Felipe Correa na aula sobre Cartum



Fonte: Acervo próprio.

Fotografia 5 - João Pedro Ressio Totti auxiliando os alunos



Fonte: Acervo próprio.

Fotografia 6 - Nícolas dos Santos Rodrigues Granjeiro auxiliando os alunos



Fonte: Acervo próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que a experiência da residência pedagógica e das aulas de regência aplicadas pelos residentes tenha sido tão rica para eles como foi para mim, pude refletir sobre a minha prática pedagógica e sempre tive em mente tentar mostrar que o planejamento e o currículo não controlam a aprendizagem, e que esta deve ser um diálogo entre o sujeito e o meio em que vive.

A prática pedagógica deve ser vista como uma ferramenta para transformação, acolhimento, aceitação e sobretudo como um diálogo intercultural e emancipatório.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CARR, Nicholas. **Is Google making us stupid? What the internet is doing to our brains.** The Atlantic, 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2Jh2o2V>.

FRANCO, M. A. S. Práticas de pedagogias nas múltiplas redes educativas. *In*: LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N. **Temas de pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SANTAELLA, Lucia. O livro como prótese cognitiva. **MATRIZES**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 21-35, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

6 PLANOS DE AULA DE PEDAGOGIA

6.1 PODCAST, DO YOUTUBE PARA A SALA DE AULA

Marcos Antônio Martinez Junior
Albertina Paes Sarmiento

Durante o período de participação no Programa Residência Pedagógica tivemos oportunidade de praticar com os alunos do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano algumas metodologias ativas discutidas e, estudadas nos diversos componentes curriculares do curso de Pedagogia na Universidade de Sorocaba (UNISO).

Uma delas é a ferramenta Podcast que, como Moura e Carvalho (2006) relatam, surgiu em meados de 2004 como programas de entrevistas e, discussões de assuntos diversos disponibilizados para baixar na internet. Tal recurso permite uma comunicação mais alinhada com a geração de alunos que já nasceu inserida no mundo das tecnologias, escreve Cruz (2009), por isso, entendemos ser necessário usar em projetos educacionais, pois, possuem uma abrangência maior em tempos mais dinâmicos.

O uso do áudio como principal recurso em publicações de conteúdo, como entrevistas, bate-papos, aulas e reflexões, é uma metodologia atrativa, especialmente por sua versatilidade. Por poder ser consumido em diferentes dispositivos, essa abordagem facilita o desenvolvimento das atividades e promove o engajamento, já que os adolescentes tendem a se interessar por metodologias que incentivam maior participação.

Esse tipo de publicação permite também que interessados ouçam o programa na hora e na situação que quiserem, diferente do rádio. É importante ressaltar isso porque destaca uma das principais vantagens do podcast em relação ao rádio: a flexibilidade. Enquanto o rádio transmite programas em horários fixos, o podcast oferece a liberdade para os ouvintes escolherem o momento e o contexto mais convenientes para ouvir o conteúdo. As atividades foram realizadas na Escola Geny

Municipal Kallil, com uma turma de 5º ano sob a supervisão da Professora Preceptora Zulmira Freitas de Paula.

PLANO DE AULA		
Escola: Escola Municipal Geny Kallil Milego Ano: 2023		
Prof. Marcos Antônio Martinez Junior	Comp. Curricular: Língua Portuguesa	Série/Turma: 5º. ano do Ensino fundamental

HABILIDADES

Para o desenvolvimento das atividades, decidimos aplicar a quinta competência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece que o aluno deve:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018).

Essa competência incentiva o uso de tecnologias e define que os estudantes devem dominar o universo digital, desenvolvendo a capacidade de utilizar essas ferramentas de maneira qualificada, ética e alinhada às necessidades do mundo contemporâneo.

OBJETO DE CONHECIMENTO

Utilizar diferentes linguagens para expressar suas experiências e conhecimentos.

OBJETIVO

Conhecer os interesses dos alunos, seus anseios e reivindicações sobre o processo de aprendizagem e, promover o desenvolvimento das habilidades de comunicação. Organizar as atividades para a criação dos Podcasts; orientar as etapas

de organização do programa; criar junto com os alunos a estrutura do programa; estimular a autonomia, ampliar o vocabulário, trabalho colaborativo, criticidade e o senso de pesquisa.

JUSTIFICATIVA

No primeiro módulo do Programa Residência Pedagógica intitulado “Formação, ambientação e observação semiestruturada”, durante o estágio de observação percebemos a dificuldade na comunicação oral dos alunos. Isso nos incentivou a criar situações didáticas que pudessem auxiliá-los no desenvolvimento das habilidades de comunicação, trabalho colaborativo e organização do discurso. Como escolhemos trabalhar com alunos dos anos finais do ensino fundamental, decidimos usar as ferramentas midiáticas para incentivar a participação de todos os alunos.

Durante o planejamento das atividades, foi necessário responder a perguntas fundamentais, como: Qual ferramenta utilizar? Qual gênero adotar? Como envolver os alunos? De que forma será feita a socialização? Após diversas reuniões com os estudantes, optamos por criar um podcast, acreditando que seria uma abordagem divertida e descontraída para desenvolver a comunicação oral, ampliar o vocabulário, estimular a proatividade, promover o trabalho colaborativo e possibilitar a análise das regularidades e irregularidades da língua materna.

METODOLOGIA

Antes de iniciar os trabalhos, elaboramos um plano para apresentar aos alunos o conceito de podcast. Após compreenderem a proposta, passamos à estruturação do programa, definindo o nome, a descrição, o formato, a duração e a periodicidade. Explicamos que o formato poderia variar entre entrevista, jornalístico, documental, humorístico, entre outros. Os alunos optaram pelo formato de entrevista. Com essa decisão, definimos em aulas dialogadas o tema, o subtema, os nomes dos grupos de trabalho, a duração do áudio e acordamos que as gravações seriam feitas com o celular. Com a identidade do programa estabelecida, seguimos para o planejamento final, definindo os efeitos sonoros, o escopo do roteiro e as responsabilidades de cada integrante do grupo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A “Educomunicação” é, segundo Soares (2004), uma forma de utilizar as ferramentas de comunicação como rádio, jornal, podcast etc. para fins educativos dentro de um ambiente como a escola, para, entre outras coisas, melhorar a comunicação entre a comunidade escolar como um todo, além de melhorar a expressividade e autonomia dos estudantes expostos a este tipo de trabalho.

Freire (2013) escreve que, o podcast é um ótimo meio de exercitar a colaboração, possibilitando uma maior acessibilidade e abrangendo um número mais expressivo de aprendizagem, além de tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas para alunos que vivem conectados e, tem uma facilidade maior com as tecnologias e os novos meios de comunicação.

Autores como Freire (2016) escrevem que esta ferramenta é eficaz no processo de ensino aprendizagem, pois, possibilita que o aluno desenvolva sua autonomia, que seja protagonista do processo de construção do áudio e, no desenvolvimento das habilidades de comunicação.

Desta forma, entendemos o Podcast como uma das alternativas que pode ser útil para revisar conteúdos, melhorar a comunicação verbal e, outras habilidades (Pereira e Neto, 2020).

Por fim, compreendemos que, como metodologia ativa, o podcast pode ser considerado uma ferramenta eficaz na construção de “pontes”, estabelecendo um maior vínculo entre professor-aluno e possibilitando o desenvolvimento de competências e habilidades. Ao trabalhar o podcast em sala de aula, tornamos o processo de ensino aprendizagem mais prazeroso e próximo da realidade dos alunos.

RESULTADOS

Encerramos as atividades com a produção de quatro podcasts abordando temas diversos, que foram apresentados à comunidade escolar durante uma mostra de produções acadêmicas realizada na própria escola ao final do ano letivo. Os alunos sentiram-se orgulhosos ao verem seus trabalhos valorizados e demonstraram entusiasmo em continuar gravando novos programas no futuro.

Além disso, consideraram a possibilidade de criar um podcast com notícias da própria escola, ampliando ainda mais seu engajamento e criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização das atividades percebemos o quanto foi importante a compreensão do valor que a expressão, em sua forma oral tem para alunos que, por não terem espaço e nem voz dentro de sala de aula muitas vezes, acabam sendo reprimidos por regras de silêncio, o que, muitas vezes mais prejudica do que ajuda em relação ao expressar-se de maneira clara e com objetividade.

Contudo, é importante destacar que, mesmo trabalhando a oralidade em sala de aula, muitas vezes deixamos de conversar com os alunos sobre temas de interesse deles. Percebemos a necessidade de abordar assuntos, tanto do contexto escolar quanto externo, para os quais eles aparentemente não encontram espaço de

expressão. Isso pode levar à repressão de sentimentos e à dificuldade em lidar com determinados dilemas.

Assim, o projeto desenvolvido auxiliou nesse ponto, dando autonomia e lugar de fala para que os alunos conseguissem tocar em questões que eles sentiam necessidade, organizando ideias e produzindo um material do qual eles já haviam tido contato, pois vivem no meio digital e consomem programas como os que eles mesmos acabaram de produzir.

Por fim, vivenciamos na prática o enorme potencial das metodologias ativas para fortalecer a relação entre ensino e aprendizagem. Essas abordagens fornecem ferramentas valiosas para superar dificuldades e romper barreiras que, com o passar do tempo, se tornaram rígidas e desgastadas. Essas barreiras apenas intensificam os desafios de um processo de ensino-aprendizagem que, em nosso país, já enfrenta descaso e desvalorização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CRUZ, S.; CARVALHO, Ana Amélia Amorim (org.). Encontro sobre Podcasts, Braga, Portugal, 2009. **Actas** [...]. Braga: CIED-UM, 2009.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Conceito educativo de podcast: um olhar para além do foco técnico. **Educ. Form. Tecnol.**, Monte da Caparica, v. 06, n. 01, p. 35-51, jun. 2013. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-933X2013000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 dez. 2023.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Aprofundamento de uma estratégia de classificação para podcasts na educação. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 391-411, 2016.

MOURA, A., CARVALHO, A. A. A., Podcast: potencialidades na educação. **Prisma**, Rio de Janeiro, n. 3, 2006. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma/article/view/2112/1945>. Acesso em: 18 dez. 2023.

PEREIRA, A. R., SANTOS NETO, F. A. dos. Podcast como estratégia de aprendizagem no ensino superior. **Revista Pensar Acadêmico**, Minas Gerais, Manhuaçu, v. 18, n. 4, p. 769-782, ago. número especial, 2020. Dossiê: Metodologias ativas de aprendizagem. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/1941/1525>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal o que educomunicação?** São Paulo: Núcleo de comunicação e educação da USP, 2004. Disponível em: <https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

6.2 STOP MOTION – PROJETO ARCA DE NOÉ

Maria Paula Silva Simões
Albertina Paes Sarmento

As regências de estágio do Programa Residência Pedagógica, uma parceria entre a Universidade de Sorocaba e a CAPES, foram realizadas na Escola Municipal Getúlio Vargas. Essas atividades foram desenvolvidas com base em uma proposta implementada na Universidade de Sorocaba: a criação de um vídeo de animação em Stop Motion. É importante destacar que a atividade também teve como objetivo atender às diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018).

Os objetivos das atividades do Projeto Arca de Noé estavam plenamente alinhados ao planejamento da Professora Érica Karine Norbutas, responsável pela turma do 1º C do Ensino Fundamental I. Isso porque o processo de alfabetização exige atividades planejadas com cuidado e precisão. Quando integradas ao projeto, essas atividades têm o potencial de desenvolver habilidades essenciais para a leitura e a escrita. A alfabetização demanda um trabalho intenso do professor, que deve elaborar um planejamento minucioso, onde cada detalhe faz a diferença.

Todo projeto escolar deve ser explicado de forma detalhada aos alunos, por isso inicialmente informamos o significado da animação digital, que, significa “dar vida” a um movimento parado, e também conversamos sobre o significado da palavra digital. Para o melhor entendimento ensinamos os alunos a fazerem o Taumatrópio, que foi um dos primeiros brinquedos ópticos e, é um objeto usado para compreender os princípios do vídeo de animação. Nesta forma prática os alunos assimilaram perfeitamente os princípios da animação.

Após o entendimento, mostramos diversas animações e desenhos animados, que fazem parte da realidade deles. Percebemos que, depois das explicações começaram a compreender o conceito e a grandiosidade da proposta do projeto.

Em outra aula foi trabalhado o significado da palavra “Stop Motion”, que traduzido para o português significa “movimento parado”, o objetivo deste tipo de vídeo é a realização de uma animação através da sequência de fotos.

Após todas as explicações dividimos a classe em dois grupos com o intuito de facilitar os trabalhos, pois percebemos que iriam precisar de muita ajuda na execução e finalização do projeto. A nossa Preceptora dividiu também o trabalho entre as residentes que também estavam participando do Programa Residência, um grupo de alunos ficou com as residentes Ana Julia Sicatto de Almeida e Maria Paula Silva Simões e outro grupo com as residentes Mariana Loschiavo Guazzelli e Maellyn Regina Mesquita Arantes. Cada grupo escolheu uma obra de Vinícius de Moraes para desenvolver o Stop Motion, um grupo ficou com “O Pato” e, outro grupo com “A casa”. Ressaltamos que a Professora Preceptora estava trabalhando com a classe de alunos, a vida e a obra de Vinícius de Moraes e, para maior motivação na execução do projeto foi decidido construir o vídeo sobre a mesma temática.

Depois de organizado os grupos de trabalhos partimos para a organização das atividades. Primeiro foi necessário discutir como seriam confeccionados os cenários, quais personagens e materiais poderíamos usar para depois realizar a divisão das tarefas entre os alunos. O primeiro grande trabalho foi decidir como iriam contar as histórias nos vídeos, muitas ideias surgiram e, democraticamente uma ideia foi aprovada por todos. O próximo passo foi a produção dos roteiros, o que, no primeiro momento gerou um pouco de tensão nos alunos. Mas, com nossa ajuda conseguiram chegar num acordo e, logo ficaram ansiosos para as próximas ações.

Sobre o texto da música “O Pato”, os próprios alunos se empenharam na confecção de todos os personagens com massinha de modelar e, também cada elemento das cenas: sol, nuvem, gramado. O grupo que produziu o vídeo “A casa” optou por fazer os desenhos pintados em papel sulfite. Tudo foi pensado e produzido

por eles, por isso o resultado final ficou maravilhoso. O projeto teve duração de um mês, a gravação e edição ocorreram no dia 31/08/2023 na Escola Municipal Getúlio Vargas- Sorocaba/SP.

PLANO DE AULA

PLANO DE AULA		
Escola: Escola Municipal Getúlio Vargas		
Ano: 2023		
Profa. Maria Paula Silva Simões	Comp. Curricular: Língua Portuguesa	Série/Turma: 1º. ano do Ensino fundamental

HABILIDADES

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a competência geral de cultura digital prevê: Utilização de ferramentas digitais: precisam ser capazes de usar ferramentas multimídia e periféricos para aprender e produzir. Produção multimídia: utilizar recursos tecnológicos para desenhar, desenvolver, publicar e apresentar produtos para demonstrar conhecimentos e resolver problemas.

OBJETO DE CONHECIMENTO

Ler e escrever, aprender a produzir utilizando ferramentas digitais, resolver problemas, interpretar e representar dados, desenhar e apresentar produtos.

OBJETIVO

Criação e desenvolvimento de um projeto novo para a escola com participação de professores e alunos, utilizando a tecnologia. Mostrar que novas técnicas e linguagens são válidas para que as aulas ministradas saiam do óbvio, chamando a atenção dos alunos para didáticas que os ajudem a evoluir na vida escolar. Propiciar a participação de alunos em práticas de leitura e escrita usando as tecnologias que ainda não eram utilizadas na escola com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. Desta forma, ampliar suas capacidades de expressão artísticas e linguísticas. Contribuir no desenvolvimento das quatro grandes habilidades essenciais para o desenvolvimento da alfabetização: habilidade de compreensão, ampliação do vocabulário, conhecimento das letras e habilidade de consciência fonológica.

JUSTIFICATIVA

O trabalho com vídeo de animação Stop Motion com crianças favorece a presença da leitura e prática de escrita, visto que, exige buscar um conteúdo interessante para divulgar na construção do vídeo e escrever roteiros. O conjunto de elementos (roteiro, cenário, criação de objetos, etc.), cria situações de comunicação real e, coloca os estudantes na posição de coautores. Em uma atividade deste formato é possível explorar a criatividade das crianças, ensinar a fazer planejamentos, construir cenários, organizar os quadros para as fotografias. Pode ser realizada com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois, além de inovar a prática pedagógica também contribui no desenvolvimento de habilidades fundamentais para o processo de alfabetização.

METODOLOGIA E RECURSOS

Aulas expositivas dialogadas sobre a realização do projeto; pesquisa sobre o histórico e significado do vídeo Stop Motion; roda de conversa sobre conhecimentos externos e dúvidas sobre o projeto; divisão dos alunos em grupos de trabalhos; escolha

do texto para ser utilizado no vídeo; construção dos personagens e cenários; organização dos quadros para serem fotografados. Massa de modelar, lápis de cor, folhas de papel coloridas, tesoura. Celular para as fotos e edição do vídeo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na Base Nacional Comum Curricular a cultura digital é uma das competências específicas da Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais (Brasil, 2018).

Esta competência nos orienta que o uso de ferramentas digitais pode desenvolver habilidades importantes em nossos alunos, pois, não podemos ignorar que as aulas práticas chamam muito a atenção dos estudantes. Quando o professor cria situações didáticas que podem produzir significados, os alunos têm facilidade em aprender e refletir sobre o mundo que os cerca. Por outro lado, o docente tem a possibilidade de desenvolver uma relação afetiva livre das dificuldades e desavenças com os alunos.

O uso das tecnologias digitais na escola, portanto é uma forma direta de comunicação com os alunos, pois, eles pertencem à uma geração que cresceu no mundo digital. O espaço virtual está no dia a dia deles, através dos desenhos animados, jogos diversos no celular, vídeos, filmes etc. A cultura digital tem promovido mudanças no modo de vida, nas relações sociais e, na forma de comunicar e aprender. Essa situação demanda desafios às escolas, pois, os estudantes reivindicam novas formas de ensinar já que aprendem de forma diferente das gerações anteriores.

Portanto, concordamos com Rodrigues (2019, p. 179):

As transformações ocorridas na sociedade nas últimas décadas, inegavelmente, alcançam a educação e obrigam os atores a uma adaptação nas formas de ensino. O acesso quase irrestrito às tecnologias e o constante uso, em especial, dos aparelhos celulares em sala de aula representa um conflito com o qual os professores necessitam lidar hodiernamente. Aliar o

celular como uma ferramenta de aprendizagem, a partir da aplicabilidade da técnica de Stop Motion é uma possibilidade mais atrativa para os estudantes a ser encarada no âmbito da alfabetização, letramento e multiletramento. Escrita, imagem e sons não se separam no desenvolvimento do aprendiz, o que promove a necessidade de percepção da inexistência da monomodalidade na construção plena dos sujeitos, mediante a utilização de meios representacionais diversificados.

Segundo Moran (2000, p. 11) "Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Tanto professores como alunos têm a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas.". Na atualidade os alunos precisam de aulas que transfigure o ambiente escolar e, que os considerem seres ativos, pesquisadores e reflexivos.

RESULTADOS

Em relação à leitura, os alunos participaram de situações que tiveram que ouvir com atenção as músicas do Projeto Arca de Noé de Vinícius de Moraes, comentar sobre as letras das músicas. Manifestar e considerar as opiniões dos colegas durante as discussões feitas a partir da leitura dos textos. Conhecer as características dos textos e procurar compreender o significado de palavras desconhecidas. Entre outras aprendizagens, os alunos puderam analisar com a ajuda dos residentes e dos colegas sobre os recursos linguísticos utilizados nas diversas situações de produção textual, visto que tiveram acesso à várias obras. Puderam colaborar em duplas na compreensão do texto, considerando a ortografia convencional das palavras de uso frequente, uso de maiúscula e minúsculas a partir da distinção entre nomes próprios e comuns. Utilizar sinais de pontuação com a intenção de garantir a coesão textual, fazer roteiros, cumprir o planejamento, construir cenários, fotografar e editar vídeo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar deste projeto nos proporcionou a oportunidade de conhecer novos alunos e compreender as histórias e realidades que cada um carrega em suas vivências e interesses. Foi essencial reconhecer as singularidades desse público do Ensino

Fundamental I para planejar atividades alinhadas às suas necessidades. Além disso, essa experiência permitiu construir uma relação entre aluno e professor baseada na confiança e no respeito mútuo. Ter essa conexão foi fundamental para tornar as aulas mais produtivas, desmistificar a figura do professor rigoroso e trazer mais leveza ao ambiente escolar, o que fez toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem.

Uma das melhores sensações sentidas ao final de cada proposta realizada foi a reação de cada aluno, a expressão com os olhos brilhando a cada movimento, a cada foto clicada, cada sorriso, cada risada quando algo não dava certo e, depois a alegria ao assistirem os vídeos prontos. Isso nos deixou com o coração aquecido e a certeza que fizemos a escolha certa quando decidimos trabalhar na área da educação, essa experiência ficará gravada em nossa memória, que privilégio poder iniciar a profissão recebendo presentes como este.

Para finalizar os trabalhos, os alunos e toda a comunidade escolar assistiram os vídeos e ficaram encantados com o resultado. Os pais também estavam ansiosos para assistirem os vídeos, por isso a Professora Karine neste mesmo dia enviou um bilhete aos pais comunicando o término do projeto e os links dos vídeos no YouTube. Para facilitar anexou no bilhete os QR CODE, pois apontando a câmera do celular os vídeos aparecem na tela imediatamente.



Nosso agradecimento à todos que de alguma forma cruzaram nosso caminho durante o tempo do Programa Residência Pedagógica, principalmente aos alunos que mesmo sem nos conhecer acreditaram em nosso trabalho.

Em Freire (2013) aprendemos que não há um dono do saber, e que os sujeitos se educam entre si, a partir das experiências compartilhadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com as tecnologias audiovisuais e telemáticas. *In*: MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. p. 11-63.

RODRIGUES, A. C. L. Processos de aprendizagem: o auxílio das mídias digitais e a realização da prática de stop motion em sala de aula. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, PR, v. 20, n. 2, p. 170-180, 2019. Disponível em: <https://revistaensinoeeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/6814>.